

EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA: UM DIÁLOGO ENTRE O PENSAMENTO GRAMSCIANO NA FORMAÇÃO INTEGRAL COM A EDUCAÇÃO DA GRÉCIA ANTIGA

MEDEIROS, Janiara de Lima.
UFF
jani.medeiros.educacao@gmail.com

PASSOS, Ohana Gabi Marçal dos.
UFRJ
fraupassos@gmail.com

RESUMO

Este trabalho pretende analisar brevemente o processo de formação do homem na Grécia Antiga, tomando como base os estudos de Werner Jaeger sobre a Paideia grega. A partir disso, faremos um cotejamento entre a visão clássica grega de Educação e o pensamento Gramsciano, no que tange às suas contribuições para a mesma temática através da interdisciplinaridade necessária à completa formação humana. A metodologia da educação escolar, baseada na interdisciplinaridade, é objeto de discussão entre diversos educadores da atualidade e, principalmente, por se tratar de um assunto contemplado à proposta da nova Base Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio no Brasil, por meio da Lei nº 13.415 de 2017. Não entraremos no mérito da discussão acerca da presença da interdisciplinaridade na nova BNCC, bem como suas perspectivas. A pesquisa aqui promovida surgiu de uma inquietação filosófica, que se materializou com a proposta entregue ao Conselho Nacional de Educação (CNE) pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), em que este apresenta a organização da nova BNCC, distribuída por áreas do conhecimento (línguas, matemática, ciências da natureza e ciências humanas). Este trabalho tem, portanto, como objetivo principal dialogar com as duas linhas de pensamento sobre a concepção de educação interdisciplinar e o conceito de libertação através da práxis político pedagógica. A relevância desse trabalho se dá na oportunidade de identificar, a partir de ambas as linhas de pensamento apresentadas, uma reflexão sobre a real finalidade da educação. Portanto, este estudo foi feito por meio de pesquisas bibliográficas e documentais, a fim de verificar se a interdisciplinaridade, como norteadora da BNCC, é de fato imprescindível à formação humana integral para a liberdade e consciência crítica.

Palavras-chave: Formação humana. Paideia. Interdisciplinaridade. BNCC

Educação interdisciplinar:

A partir da Declaração dos Direitos do Homem (1948), inúmeros instrumentos jurídicos internacionais apresentaram o comprometimento da comunidade internacional adotados em 2015, a fim de assegurar a ampliação e a renovação da educação como direito humano fundamental pela Agenda 2030. A Agenda 2030 ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) também é objetivo central na missão da UNESCO, na qual foram acordados direitos educacionais na visão interdisciplinar. Para tanto, a compreensão do direito educacional na perspectiva do sistema jurídico brasileiro é uma ferramenta de compreensão para a construção da interdisciplinaridade.

Neste sentido, profissionais de Educação com experiência em diversas áreas do conhecimento, como Filosofia, História, Economia, Sociologia, Antropologia, Psicologia e Relações Internacionais, interagem a fim de buscar uma constante revisão das políticas públicas na pauta da educação no Brasil, principalmente no que diz respeito à fase crucial do jovem brasileiro, que é a de opção e formação para o trabalho.

Inúmeras inquietações epistêmicas e reflexões à ontologia crítica do homem suscitam nos educadores contemporâneos indagações sobre a sociedade atual e suas conexões ao objetivo fundamental da educação escolar e da formação do ser humano. Questionamentos oriundos de diversas áreas de atuação humana nos remetem a possíveis relações de ação e consequências, cujas tendências nos direcionam a considerar a necessidade de uma educação, não institucionalizada, objetivando um desenvolvimento social.

O ser humano está constantemente aprendendo e ampliando seus conhecimentos através do trabalho realizado. De acordo com Marx, “antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza” (1983, p. 149). Ou seja, na relação com a natureza e com os demais homens, mediada pelo trabalho, que o ser humano constrói sociedades, reconfigura a história e, simultaneamente, molda a sua essência. O homem faz parte da essência da natureza e, como tal, é um ser natural.

Desta forma, uma vez que o homem aprende com a prática do trabalho realizado, há no trabalho categoria um princípio educativo. Neste sentido a educação assume um sentido essencial de formação humana, pois transcende aos limites da educação escolar. Trata-se de uma educação para a vida do homem enquanto ser natural e social no qual a interdisciplinaridade é ativada.

Torna-se relevante compreender o significado e o sentido da palavra interdisciplinaridade em que está sendo aplicada no contexto deste trabalho. A palavra é

derivada de disciplina, composta pelo prefixo *-inter* e pelo sufixo *-dade*. Os três componentes têm origem do Latim e significam, respectivamente: ramo do conhecimento; estar entre as partes e; a expressão do estado de determinada situação. Assim, interdisciplinaridade significa a relação recíproca entre as áreas de conhecimento.

Reflexões sobre o trabalho como princípio educativo:

Uma vez compreendido que: visto que: 1) o ser humano faz parte da natureza e por esta razão é um ser natural; 2) o homem modifica a natureza, através do trabalho, a fim de melhorar os meios e métodos para sua sobrevivência; 3) através destas modificações em busca de melhoria de vida, o homem também modifica as relações sociais; 4) essas relações sociais têm a dimensão do relacionamento entre os indivíduos; 5) o homem, como ser social, ao desenvolver novos vínculos (inclusive hierárquicos), desenvolve a sociedade onde está inserido; 6) o conhecimento adquirido pelo trabalho e retornado à sociedade abrange áreas distintas do conhecimento (ciências exatas, humanas e biológicas) que interagem entre si e contribuem para seu autodesenvolvimento.

Por exemplo: ao identificar pelo o sistema econômico que rege a sociedade local atual (conhecimento da área de exatas), os homens identificam sua extensão ao campo político (conhecimento da área de humanas) e a adequação das atividades laborais que podem influenciar nas adaptações físicas ou psíquicas do homem ou em questões ecológicas (conhecimento da área biológica).

A proposta da educação interdisciplinar tem como base uma educação que integra todas as áreas do conhecimento a fim de formar um homem consciente dos diversos fatos sociais, um ser humano conhecedor das causas e consequências da realidade social e formá-lo à liberdade para decidir como ele deve agir em sociedade a fim de melhorá-la (seguindo as regras preestabelecidas para aquela comunidade ou sugerindo modifica-las conforme a necessidade do seu tempo).

Esta premissa de que uma vez consciente, o homem torna-se liberto ao ser conhecedor da verdade está bem nítida na Bíblia Cristã, livro adotado pelo cristianismo em que reúne as Sagradas Escrituras: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” (Livro de João, capítulo 8, versículo 32).

No livro há também muitas referências ao trabalho como algo positivo e inerente ao ser humano, bem como o aprendizado por meio do trabalho e sua relação do homem com a natureza, a construção de comunidades e o desenvolvimento de sociedades. Neste livro que, conforme a tradição aceita por muitos cristãos entre outros de diversas religiões, os escritos

reunidos foram produzidos por quarenta autores que viveram entre os anos 1.500 antes de Cristo e 90 depois de Cristo, percebe-se que num período de aproximadamente 1.600 anos já havia orientação à aprendizagem através do trabalho identificado na natureza. Também há na Bíblia mensagens de incentivo ao trabalho moderado, condenando então a preguiça (o que na evolução das sociedades é transformada em expertise para se dar bem através do maior ganho pelo menor esforço). Dado ao seu caráter hermenêutico, a relevância ao citar algumas referências é a de registrar o que é encontrado no senso comum, por meio dos quais muitos religiosos legitimaram os textos às suas vidas.

Num dos seus livros, em Provérbios, no capítulo 13, versículo 4 há o reconhecimento do trabalhador feliz: “O preguiçoso muito deseja e nada tem, mas o diligente será plenamente satisfeito.” O então rei de Israel, Salomão, no livro de Eclesiastes, capítulo 2, versículo 24, disse: “Portanto cheguei à conclusão que não havia nada melhor para o ser humano do que comer, beber e beneficiar do resultado do seu esforço, do seu trabalho.” E acrescenta no capítulo 3, versículo 16: “em segundo lugar, que deve comer, beber e desfrutar do fruto do seu trabalho, pois estas coisas são um dom de Deus.” Considerado como o rei mais sábio da história Cristã registrada nas Sagradas Escrituras, Salomão escreveu além do livro de Provérbio, o livro de Eclesiastes. No capítulo 3, versículo 22 deste, o rei afirma “Eu constatee que não há nada melhor para o homem do que ser feliz no seu trabalho; é esse o seu quinhão na terra; ninguém o fará voltar à vida para ver o que acontecerá depois dele; por isso, que disfrute do presente!”.

Ao fazer menção ao texto religioso que compõe o livro sagrado do Cristianismo, a intenção é exemplificar que, inclusive nas narrativas interpretadas pelos religiosos do seu tempo, além de um documento doutrinário, há na Bíblia uma reflexão sobre a razão da existência do ser humano na qual o trabalho é uma categoria importante e contextualmente analisada.

Neste sentido, observa-se que há na Bíblia Cristã duas questões importantes: além do reconhecimento do trabalho como algo que deve ser prazeroso, o descanso é necessário para o reabastecimento da energia natural: “melhor é um punhado de descanso do que dois punhados de trabalho árduo e correr atrás do vento” (Eclesiastes capítulo 4, versículo 6). Também é ilustrada a importância do trabalho, seu princípio educativo bem como o valor do tempo de descanso, a fim de não negligenciar as outras áreas da vida, nas quais se encontram a família, os amigos, os relacionamentos sociais, dentre outras. A positividade do trabalho realizador apresentada em Salmos, especificamente no capítulo 128, versículo 2, diz que “você comerá

do fruto do seu trabalho e será feliz e próspero” inspira-nos à satisfação no trabalho agregador de conhecimento através da formação humana e o desenvolvimento em sociedade.

“Faça o que gosta e não terá que trabalhar”, já dizia Confúcio¹ com a intenção de incentivar o trabalho prazeroso, admitindo a interpretação do trabalho como emprego, mas que pode ser feliz. Da mesma forma que é célebre este pensamento de Confúcio, o filósofo também deixou o ensinamento milenar com o seguinte conselho: “Dê um peixe para um homem e ele comerá um dia. Ensine-o a pescar e ele comerá por toda vida”; caracterizando o seu valor ao ensino e à educação enquanto formação para a vida em sociedade.

Segundo Max, o trabalho é um processo histórico de transformação em que o homem age na natureza e ela reflete suas mudanças no homem. Logo, o trabalho:

É atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação natural para satisfazer as necessidades humanas, condição universal de metabolismo entre o homem e a natureza, condição natural eterna da vida humana, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum a todas as suas formas sociais (MARX, 1983, p.153).

Nessa visão dialética é que acontece o diálogo entre Marx e Gramsci no qual o trabalho é o centro do processo educativo. A contribuição de Marx para a educação tinha como premissa que o ensino não deveria apresentar diferenças entre as classes e a educação tecnológica (antes denominada como técnica e industrial), mas sim que deveria ser completa e acessível a todos.

Por educação entendemos três coisas: 1. Educação intelectual. 2. Educação corporal, tal como a que se consegue com os exercícios de ginástica e militares. 3. Educação tecnológica, que recolhe os princípios gerais e de caráter científico de todo processo de produção e, ao mesmo tempo, inicia as crianças e os adolescentes no manejo de ferramentas elementares dos diversos ramos das indústrias. À divisão das crianças e adolescentes em três categorias, de nove a dezoito anos, deve corresponder um curso graduado e progressivo para sua educação intelectual, corporal e politécnica. Os gastos com tais escolas politécnicas serão parcialmente cobertos com a venda de seus próprios produtos. Esta combinação trabalho produtivo pago com educação intelectual, os exercícios corporais e formação politécnica elevará a classe operária acima dos níveis das classes burguesas e aristocrática (MARX, 1983, p. 60).

O filósofo húngaro György Lukács é reconhecido como o maior clássico do pensamento humanista do século XX. Lukács retoma a categoria trabalho na construção da compreensão do ser social em que considera três momentos significantes: o trabalho explica o ser humano em sua complexidade, apresentando seu caráter fundante e de ação permanente no

¹ Confúcio (27 de agosto de 551 a.C. até o ano 479 a.C. - 72 anos) foi um filósofo chinês cujos pensamentos são reconhecidos até os dias de hoje como sábios e mantêm os princípios das tradições chinesas. Fundador do Confucionismo (sistema filosófico chinês), seus ensinamentos podem ser encontrados na obra *Analectos* (ou Diálogos) de Confúcio.

ser social que é imanente ao homem e dinamiza a vida em sociedade. Lukács ressalta um aspecto importante do trabalho ao fazer a relação entre teleologia e causalidade, direcionando à processualidade social, o que leva o homem as suas mais especificamente ramificadas e socializadas ações. A terceira questão relevante é quanto à formação da consciência nascida do processo do trabalho que é o resultado da práxis social.

O filósofo marxista Antonio Gramsci, em seu caderno 12 (2001), apresenta a categoria trabalho retomando o princípio da escola humanista em que cada indivíduo seria capaz de desenvolver sua capacidade de elaborar o pensamento e emancipar-se de forma a se autogerir na sociedade.

Os princípios bíblicos encontram-se da mesma forma, porém descritos de maneiras diferentes, no pensamento de diversos intelectuais e filósofos que, independente de sua crença na existência de Deus como criador do universo, acreditam nas categorias fundantes do ser humano, como o homem sendo parte da natureza. Ao interagir, por necessidade de sobrevivência (comer, beber, procriar, viver), ele atua natureza, modificando-a e, ao modificá-la, este, como ser natural, modifica também as suas relações sociais. Conseqüentemente, suscita-se o desenvolvimento das sociedades através das diferentes culturas em todos os seus aspectos. Essas modificações interferem nas formas de produção de trabalho, de consumo e nas motivações do homem como ser social.

Diálogo entre a educação interdisciplinar da Grécia Antiga com o pensamento Gramsciano:

As motivações humanas são despertadas através da busca pela realização das suas necessidades básicas que podem ser de ordem financeira, emocional ou orgânica. Desta forma, integram-se necessidades individuais no tripé das áreas do conhecimento de exatas, humanas e biológicas.

Em Gramsci (2000) vemos a educação em seu caráter formador intelectual, em que a educação e a cultura devem ser igualmente oferecidas a todos os indivíduos da mesma sociedade, igualmente.

A socialização, isto é, a humanização é direcionada pelo processo do trabalho que, apresenta em seu princípio educativo a interação humana com a natureza (ciência), com a cultura (sociedade) e com o próprio trabalho. Ao se deparar com limitadores que impedem à emancipação humana, é preciso despertar a consciência desta condição a fim de que os homens sejam agentes de transformação e não alienação social. Portanto, é necessário que

seja recuperado, através da educação escolar, além da formação para o mundo do trabalho, o diálogo entre conhecimento, pensamento e prática.

No ensino há a base do princípio educativo do trabalho e a educação institucionalizada na escola faz referência ao modelo social que se objetiva atingir, ou seja, na educação escolar é possível reestabelecer a relação entre a prática do trabalho ao conhecimento técnico. Desta forma, tem-se no trabalho o princípio educativo apontado no mundo do capital como também na escola.

Quanto ao processo de formação humana, Gramsci deixa-nos entendê-lo como processo integrador aos modos produtivos, ou seja, a educação enquanto formação é também uma forma de trabalho: “Deve-se convencer muita gente de que o estudo é também um trabalho, e muito cansativo, como um tirocínio particular próprio, não só intelectual, mas também muscular-nervoso [...]” (GRAMSCI, 2004, p.51).

Segundo Gramsci, o trabalho como princípio educativo ao desenvolver seus apontamentos sobre a história dos intelectuais afirma que: “Por isso, seria possível dizer que todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais [...]” (GRAMSCI, 2001a, p. 18).

As relações sociais resultantes da dinâmica do trabalho envolvem todos os setores da sociedade, como o Estado, o Mercado e a Sociedade Civil. Desta forma é possível apresentar uma provocação quanto à perspectiva da educação no Brasil com a manutenção da pedagogia liberal tecnicista, necessária à formação do homem trabalhador, e incluir a proposta pedagógica de Gramsci por uma formação integral por meio da educação integral, emancipadora.

O materialismo histórico dialético² é uma concepção marxista que considera que é na produção da vida material em que as relações sociais são estabelecidas e propõe uma análise e crítica à realidade social vigente. Os homens inseridos nessa sociedade que lutam pela transformação do país desenvolvem reflexões e contribuições à proposta de sociedade democrática e igualitária. É intelectualizando-se que o homem, formado através do trabalho e aplicando no trabalho seu conhecimento adquirido, pode identificar os mecanismos e a constituição da ideologia dominante a fim de combatê-la na luta contra hegemônica em um processo de construção social.

2 Nota da autora: O materialismo histórico dialético foi um pensamento desenvolvido por Marx e Engels através do qual é feita a análise das mudanças sociais. É materialismo porque gira em torno das condições materiais de vida, conforme determinado modo de produção. É histórico porque é contínuo e relaciona causas e consequências das relações entre os meios de produção e as forças produtivas. É dialético porque os analisa sob a perspectiva de mudanças por meio da produção de ideias ou ideologia dominante, justificada socialmente pela hegemonia.

O pensamento Gramsciano dá continuidade à abordagem marxista aprofundando-se em estudos sobre política, hegemonia, cultura, intelectuais, educação, entre outros. Para Gramsci é necessário o embasamento teórico para a formação humana crítica e emancipatória. Em Gramsci (1991), encontra-se a possibilidade de pensar a escola para além do propósito que o imediatismo capitalista exige. Ou seja, além da formação para atender as demandas necessárias do capital, também é preciso pensar a educação escolar como agente propiciador do pensamento para uma educação emancipatória.

O tecnicismo educacional, comum entre as décadas de 1950 e 1970 no Brasil, respondeu às impositivas demandas do consumo, de igual modo, restringiu a possibilidade de um Ensino Médio técnico-profissionalizante pensado numa perspectiva Gramsciana de politecnia. Este modelo pedagógico, inspirado nas teorias behavioristas, é importado dos Estados Unidos, mantendo seu compromisso com a formação dos indivíduos competentes para atender às demandas do mundo do capital.

De acordo com Saviani (2007, p. 381), ao trazer à educação escolar a lógica da pedagogia tecnicista, “a forma de funcionamento do sistema fabril perdeu a especificidade da educação, ignorando que a articulação entre escola e o processo produtivo se dá de modo indireto e por meio de complexas mediações”.

O foco das habilidades e das competências, reforçadas nas políticas públicas educacionais atuais, clarifica também nos educadores e nos alunos a necessidade do atingimento de resultados preestabelecidos, bem como metas mensuráveis a fim de se avaliar a qualidade da educação. É fundamental compreender as expectativas e a perspectiva da educação escolar brasileira, mantendo-nos conscientes da necessidade do trabalho e do capital, porém libertos da alienação provocada pela exploração do homem por outro homem, sendo ambos alienados.

Gramsci não traz em sua filosofia ³sobre a proposta educacional e modelo de escola uma ideia subjetiva, mas a concretiza, descrevendo claramente como a escola unitária, comum a todos, deve ser e atendê-la:

Um ponto importante, no estudo da organização prática da escola unitária, é o que diz respeito ao currículo escolar em seus vários níveis, de acordo com a idade e com o desenvolvimento intelectual moral dos alunos e com os fins que a própria escola pretende alcançar. A escola unitária ou de formação humanista (entendido este termo, “humanismo”, em sentido amplo e não apenas em sentido tradicional), ou de cultura geral, deveria assumir a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los elevado a certo grau de maturidade

³ A esse assunto Gramsci no Caderno 11 afirma que “Todo homem é filósofo”.

e capacidade para a criação intelectual e prática e a certa autonomia na orientação e na iniciativa.

A proposta educacional precisa ter objetivos direcionados ao desenvolvimento emancipatório do ser humano, ser capaz de agir em prol de transformações sociais, a fim de servir ao trabalhador sem negar a existência e necessidade do capital, mas consciente de suas intenções e perspectivas. Nesta perspectiva é que a educação, conforme o pensamento Gramsciano, integra a interdisciplinaridade necessária à formação humana integral para a liberdade e consciência crítica.

Segundo Dom Lourenço de Almeida Prado (1991), no cerne do processo educativo encontra-se a verdade. Por ser essencialmente curioso, o ser humano tem sede de saber e realiza-se ao descobrir a verdade. A partir dessa ânsia intrínseca, o indivíduo, iluminado pela verdade, vai desenvolvendo “a faculdade de discernir, avaliar e escolher, de ponderar e decidir. Por esse caminho, a educação tem por fim a conquista da liberdade interior”.⁴ A mesma, segundo ele, tem seu ponto de partida na inteligência e no efeito clarificador da verdade. No seu sentido etimológico, educação quer dizer tirar de dentro (*ex + ducere*). Portanto, o efeito contrário, de fora para dentro, como é o caso das primeiras regras de disciplina que um recruta recebe, ou quando são impostas às crianças certas normas de convivência, “não é, a rigor, educação, embora possa ser até recurso legítimo, como um encaminhamento pré-racional.”⁵ O indivíduo deve aprender a pensar, e isso pode ser ensinado pelo mestre, o qual pode mostrar as possibilidades de questionamentos e pensamentos, o caminho para se obter determinadas respostas ou chegar à compreensão de algo.

Assim como Gramsci, Prado também faz uma crítica semelhante à formação profissionalizante. Ele também considera o trabalho como parte necessária da vida do homem, sendo essencial ser fundamentado numa formação ou habilitação escolar, para não se distanciar da humanização, tornando-o mais centrado na inteligência. Segundo ele, “uma preparação para o trabalho apoiada em conhecimentos doutrinários dá ao trabalhador a alegria de um trabalho mais seu, mais criativo”.⁶

A formação profissionalizante, na qual o trabalhador não busca aprofundar seus conhecimentos e se distancia de qualquer tipo de valor acadêmico, torna-se, em sua concepção, automatizada e sofre uma grande limitação, a qual prejudica acompanhar a criação

4 PRADO, Dom Lourenço de Almeida. **Educação**. Ajudar a pensar, sim. Conscientizar, não. Rio de Janeiro: Agir, 1991, p. 27.

5 Ibidem, p. 28.

6 Ibidem, p. 31.

de novas técnicas e novos modelos que surgem com rapidez na nossa sociedade em constante transformação.⁷

Já o homem enriquecido na sua habilitação para o trabalho possui uma maior versatilidade e capacidade de se adaptar às inovações que surgem, além de ter consciência sobre sua dignidade e participação pessoal na obra que está realizando. Outra vantagem é o fato de o trabalhador possuir opções mais amplas, podendo atuar em outras áreas, tendo a liberdade de escolher onde melhor se encaixa ou onde conseguirá aplicar melhor seu conhecimento. Prado chama esse fenômeno de “doença pragmatista ou utilitarista”, pois sua mira fundamental é o emprego, ficando o título acadêmico como um simples requisito para isso. Portanto, ele afirma que, nessa perspectiva, “a preparação para o trabalho consiste num adestramento, reduzindo o aprendizado à memorização de modelos a serem repetidos ou à aquisição de automatismos [...]”⁸.

Retomando a importância de se alcançar a verdade através da educação, o mundo antigo tem muito a nos ensinar, afinal a Grécia é berço da cultura ocidental. A *Paideia* (assim chamada pelos gregos para se referir à educação) é um tema antigo, porém de grande aplicabilidade na atualidade, principalmente no que diz respeito à importância de ser instruído, aos valores desenvolvidos pelo homem, ao conhecimento de si e à interdisciplinaridade que envolve inúmeros elementos, como a religião e as artes para formar um homem. Apropriar-nos-emos, portanto, de uma ínfima parte desse conhecimento para realizarmos um breve cotejamento com a educação moderna.

Para Henri-Irénée Marrou (1975), os antigos estavam convencidos de que a educação e a cultura não constituíam uma teoria abstrata ou mesmo uma arte formal, como se não fizessem parte da estrutura histórica da vida espiritual de uma sociedade; compreendiam, ao contrário, como sendo a expressão real de toda cultura superior, tendo seus valores concretizados na Literatura.⁹ Afinal, segundo Werner Jaeger (2013), para eles, todo povo, ao atingir certo grau de desenvolvimento, sente-se naturalmente inclinado à prática da educação, porque é ela o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua particularidade física e espiritual, sendo estes os dois elementos que constituem a natureza do homem.¹⁰

7 Ibidem, p. 31.

8 Ibidem, p. 31.

9 MARROU, Henri-Irénée. **História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: E.P.U, 1975, p. XXI.

10 JAEGER, Werner. **Paideia**, a formação do homem grego. São Paulo: Wmfmartinsfontes, 2013, p.1.

Marrou afirma que a educação é um fenômeno secundário, subordinado à civilização.¹¹ É necessário que uma civilização atinja sua própria forma – o que Werner Jaeger (2013) chama de “certo grau de desenvolvimento”¹² - para poder gerar depois a educação que a refletirá. A civilização clássica precisou, portanto, esperar até a era helenística para, finalmente, atingir esse nível de maturação, o qual fez perdurar, sem grandes mudanças, durante longos séculos a mesma estrutura e a mesma prática.¹³

Segundo Viktor D. Salis (2019), os gregos entendiam que educar era formar homens com excelência, valendo-se da verdade e da virtude. A verdade era um tema tão importante na Antiguidade que, nos ginásios gregos, os homens ficavam nus e aprendiam a importância de se manterem nus na vida. A aparência devia se tornar a essência, sem mentiras, somente a verdade. A arte de se desnudar é o ponto central da *Paideia*, pois é revelar a verdade e isso é uma virtude para os gregos.¹⁴

Para o homem moderno, o zelo pela verdade foi se perdendo com o tempo, e a educação está atrelada hoje mais ao acúmulo de conhecimentos do que de valores. D. Salis menciona que, para Sócrates, o acúmulo de conhecimento não era importante para o homem arcaico, pois entendia que o mesmo vinha gradativamente com o tempo.¹⁵

A virtude era para o homem grego, primeiramente, a capacidade de conhecer a si próprio. Posto isso, o segundo passo seria o conhecimento do outro, importante para a noção de diversidade, vencer o egoísmo e ir até o outro para dar algo de si. Em terceiro lugar, o grego reconhecia a importância da honra e da dignidade. A honra não estava ligada a preceitos morais, mas à arte de preservar a vida no seu desenrolar (nascimento, desenvolvimento e morte). Manter a honra exigia esforço e sacrifício, portanto, gerava sofrimento.¹⁶

É com Homero que recebemos, portanto, o *start* da cultura ocidental e, por isso, aproprio-me da indagação e também da afirmação concisa de Marcel Detienne (2014): “por que a Grécia? Por que os gregos? Porque os gregos, antes de tudo, tiveram o gosto pelo universal, inventaram a liberdade, a filosofia, a democracia, estão na origem do próprio espírito de nossa civilização ocidental etc”.¹⁷

11 Marrou não generaliza essa ideia, porque tem consciência da existência de sociedades, a seu ver, ilógicas, que impõem à juventude uma educação disassociada de aspectos da vida real: a iniciação na cultura real aí se faz, então, fora das instituições oficialmente educativas.

12 JAEGER, Werner. **Paideia**, a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2013, p. 1.

13 MARROU, Henri-Irénée. **História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: E.P. U, 1975, p. 6.

14 Ibidem.

15 SALIS, Viktor D. Curso sobre Paideia, parte I, disponível em <https://www.universidadefalada.com.br/catalogsearch/result/?q=Paideia>. Acesso em 14/04/19.

16 Ibidem.

17 DETIENNE, Marcel. **Os Gregos e Nós**. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 7.

A Grécia, bem como explicita Jaeger, “representa um progresso fundamental, um novo estádio em tudo o que se refere à vida dos homens em comunidade”. Em sua perspectiva, “por mais elevadas que julguemos as realizações artísticas, religiosas e políticas dos povos anteriores, a história daquilo a que podemos com plena consciência chamar cultura só começa com os gregos”. Isso não está atrelado apenas, segundo o autor, ao sentido temporal, mas também ao que tange à origem ou fonte espiritual.¹⁸

A *Paideia*, portanto, envolvia muitos elementos distintos para a formação plena do homem grego, o qual aprendia a importância da verdade, do heroísmo – quando se conseguia controlar os próprios instintos e impulsos – o conhecimento de si e a capacidade de se colocar no lugar do outro. Além disso, os gregos aprendiam a arte da retórica, falavam publicamente nas ágoras a respeito de política, dominando plenamente o assunto. Aprendiam a eternizar sua cultura e crenças através dos mitos e a valorizarem o próprio corpo. Essa interdisciplinaridade fez do homem grego um ser completo, racional, mítico, que explora tanto o corpo quanto o espírito.

Considerações finais – Educação para emancipação humana:

O princípio educativo do trabalho considera as relações do homem com a natureza que, por vários motivos, a fim de atender suas necessidades, cria a ciência e técnica agindo sobre a natureza ao deparar-se com novos conhecimentos. Estes conhecimentos adquiridos por experiência alteram as relações sociais de onde surgem diversos tipos de sociedades e suas respectivas culturas.

Diversos intelectuais e filósofos de distintos momentos históricos da humanidade, independentes de sua crença na existência de Deus como criador do universo, acreditam nas categorias fundantes do ser humano, como o homem sendo parte da natureza. Ao interagir, por necessidade de sobrevivência (comer, beber, procriar, viver), ele atua natureza, modificando-a e, ao modificá-la, este, como ser natural, modifica também as suas relações sociais. Consequentemente, suscita-se o desenvolvimento das sociedades através das diferentes culturas em todos os seus aspectos. Essas modificações interferem nas formas de produção de trabalho, de consumo e nas motivações do homem como ser social.

As motivações humanas são despertadas através da busca pela realização das suas necessidades básicas que podem ser de ordem financeira, emocional ou orgânica. Desta

18 JAEGER, Werner. *Paideia*, a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2013, p. 3.

forma, integram-se necessidades individuais no tripé das áreas do conhecimento de exatas, humanas e biológicas.

Em Gramsci (2001) encontra-se a proposta da formação integral, capaz de proporcionar ao indivíduo a capacidade de autonomia em sociedade. Entretanto, a formação esclarecedora se depara com muitos desafios sociais nascidos nas condições da cultura, predominantemente voltadas para o consumo.

Em Werner Jaeger (2013) a *Paideia* apresenta-se de grande aplicabilidade na atualidade, principalmente no que diz respeito à importância de ser instruído, aos valores desenvolvidos pelo homem, ao conhecimento de si e à interdisciplinaridade que envolve inúmeros elementos, como a religião e as artes para formar um homem.

A visão clássica grega de Educação e o pensamento Gramsciano dialogam ao retomarem a importância de se alcançar a verdade através da educação interdisciplinar necessária à completa formação humana. Este colóquio muito contribui à educação moderna, pois desperta na proposta da educação interdisciplinar a base para uma educação que integra todas as áreas do conhecimento a fim de formar um homem consciente dos diversos fatos sociais, um ser humano conhecedor das causas e consequências da realidade social e formá-lo à liberdade para decidir como ele deve agir em sociedade a fim de melhorá-la.

REFERÊNCIAS:

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Referência Thompson**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corr. Compilado e redigido por Frank Charles Thompson. São Paulo: Vida, 1992.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico nova fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DETIENNE, Marcel. **Os Gregos e Nós**. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: JANTSCH, Ari Paulo; BIANCHETTI, Lucídio (Orgs.). **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere, v.2. **Os intelectuais: O princípio educativo: Jornalismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 15-53.

JAEGER, Werner. **Paideia**, a formação do homem grego. São Paulo: Wmfmartinsfontes, 2013.

LUKÁCS, G. **Para Uma Ontologia do Ser Social**. Boitempo; Edição: 1ª, 2012

MARROU, Henri-Irénée. **História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: E.P.U, 1975.

MARX, Karl. **Capítulo IV inédito de O Capital, resultados do processo de produção imediata**. 2. Ed. São Paulo, 2004, pp. 87-120.

MARX, Karl. Processo de Trabalho e Processo de Valorização. In: ____ **O Capital**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MEDEIROS, J. L. **Formação para o Trabalho x Formação para a Vida: Do princípio educativo do trabalho à educação emancipatória**. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2019.

PRADO, Dom Lourenço de Almeida. **Educação: ajudar a pensar sim, educar, não**. Rio de Janeiro: Agir, 1991, p. 28-33.

RANIERI, Nina Beatriz Stocco Ranieri e ALVES, Angela Limongi Alvarenga. Orgs. **Direito à educação e direitos na educação em perspectiva interdisciplinar**. São Paulo: Cátedra UNESCO de Direito à Educação/Universidade de São Paulo (USP), 2018. 520 p.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2007.